Mirídeos Neotropicais, CCCI: Espécies Novas da Região Amazônica, Brasil (Hemiptera)

JOSÉ C. M. CARVALHO*

Museu Nacional, Rio de Janeiro, RJ

Original recebido em 1 de fevereiro de 1988

INTRODUÇÃO

Graças à cortesia do colega Bento Mascarenhas, *Museu Paraense Emílio Goeldi,* o autor teve a oportunidade de estudar nove espécies de Miridae (Hemiptera) da Amazônia. Praticamente todas as espécies possuem apenas o holótipo e foram colecionadas em sua maioria, na Serra Norte (Carajás), Estado do Pará. Os tipos acham-se depositados, juntos com numerosos outros, na *Coleção Entomológica do Museu Nacional,* Rio de Janeiro.

As ilustrações são de autoria de Luiz Antonio Alves Costa, Paulo Roberto Nascimento e Maria Lilia Gomide da Silva, sob a supervisão do autor.

Oito espécies novas e uma conhecida previamente acham-se descritas como segue:

Adneella agripinoi n. sp.

(Figs. 1 e 2)

Caracterizada pela coloração do hemiélitro.

Fêmea: comprimento 6,0 mm, largura 2,8 mm. *Cabeça:* comprimento 0,4 mm, largura 1,8 mm, vértice 0,60 mm. *Antena:* segmento I, comprimento 0,6 mm; II, 1,6 mm; III, 0,9 mm; IV, 0,7 mm. *Pronoto:* comprimento 1,1 mm, largura na base 1,9 mm. *Cúneo:* comprimento 1,20 mm, largura na base 0,90 mm (holótipo).

Coloração geral preta mesclada de lutescente; cabeça (exceto olhos, segmentos I, II e ápice do IV), pronoto, mesoescuto e extrema base do escutelo, duas faixas longitudinais no cório e todo o cúneo (exceto ângulo basal interno) lutescentes; hemiélitros e porção basal da membrana pretos, metade apical da aréola, ápice do cúneo e porção extrareolar da membrana pálidos.

Lado inferior do corpo lutescente, mais claro, porção apical dos fêmures (II e I apenas superiormente) e tíbias pretos, tarsos pálidos, abdome negro na extremidade apical, epifaringe avermelhada.

Corpo superiormente com pubescência curta e densa, semierecta ou erecta (no pronoto), cúneo grande, cabeça mais alta que longa, rostro alcançando a base das coxas II.

Macho: desconhecido.

Holótipo: fêmea, Brasil, Serra Norte (Carajás), região do manganês, 27.IV.1985, H. Andrade, na coleção do *Museu Nacional,* do Rio de Janeiro.

Difere das demais espécies do gênero pela presença da faixa longitudinal lutescente no cório.

O nome específico é dado em homenagem ao Doutor Agripino Abranches Viana, atual *Presidente da Companhia Vale do Rio Doce,* que iniciou na Empresa, de maneira efetiva, a conservação do meio ambiente e o estabelecimento de reservas naturais. O autor é coordenador do *Grupo de Estudos e Assessoria sobre*

* Pesquisador do *Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).*